

## **A Baixa Idade Média e as figurações dos temas macabros**

Airles Almeida dos Santos

**Resumo:** este artigo tem por finalidade analisar algumas das produções iconográficas da Baixa Idade Média e compreender a maneira como os temas macabros são figurados. Consideramos que eles apontam para uma mudança de mentalidade, cujo reflexo encontra-se na relação entre as atitudes e as representações da morte, que deixa de ser exclusivamente cristã e torna-se um assunto usual na literatura, na iconografia e escultura funerária, influenciando desse modo a representação da Dança Macabra – principalmente a partir de 1350. Num primeiro momento analisaremos o que os historiados produziram em relação à temática e os debates travados na historiografia tradicional e nos trabalhos mais recentes. Em seguida, passaremos à análise e compreensão das imagens.

**Palavras-Chave:** Morte; Idade Média; Macabro.

### **The Late Middle Ages and The Figurations of The Macabre Themes**

**Abstract:** This article has to purpose analyze some of the iconographic productions of the Late Middle Ages and understand how the macabre themes are figured. We consider that they indicate a change of mentality, whose reflection is in the relationship between attitudes and representations of death, that is no longer exclusively christian and becomes a usual theme in literature and iconography and funerary sculpture, influencing in this manner the representation of the Danse Macabre - mainly from 1350. On the first moment, we will analyze what historians produced in relation to the theme and the discussions in the traditional historiography and in more recent studies. After that, we will pass to the analysis and comprehension of images.

**Keywords:** Death; Middle Ages; Macabre.

### **Introdução**

Em todas as culturas humanas a morte nunca foi um fato corriqueiro, insignificante. Pelo contrário. Sempre teve papel de destaque; era pensada; sentida; vivida e carregada de simbolismo. Na contemporaneidade esse fenômeno se tornou tabu. Ninguém o menciona, ninguém quer pensar nele, e todos querem disfarçar quando chega. A sociedade recusa-se a encará-lo apesar de saber tratar-se de uma coisa certa. Porém, apesar do interdito de hoje, em toda a História ela foi motivo de indagações.

Mas o que representa para nós a morte – de si ou do outro – enquanto seres humanos com forte desejo de vida? Representa muito mais que uma certeza natural. A

reflexão sobre o trespasse, as atitudes e os rituais que os acompanha tornou-se uma questão essencial em todas as culturas. Mesmo ela se tornando interdita hoje em tempos de “hospitalização”, o fenômeno foi substituído pela doença. Apesar dessa ocultação, sua História jamais estará encerrada.

No século passado, buscando romper com essa interdição aparente, nasce uma nova ciência, cujo objeto de estudo era especificamente a morte: a Tanatologia.<sup>1</sup> Segundo Franklin S. Santos, “a Tanatologia poderia ser definida como a ciência que estuda a morte e o processo de morrer em todos os seus aspectos: forense, antropológico, social, psicológico, biológico, educacional, filosófico, religioso e estético”.<sup>2</sup>

Devemos nos atentar para a diferença entre *a morte* e *o morrer*. Segundo o minidicionário Luft de Língua Portuguesa<sup>3</sup> a palavra *morte* é definida como fim da vida; destruição, ruína, enquanto o ato de morrer é conceituado da seguinte forma: cessar de viver; falecer; fencer; abrandar-se gradualmente (morrer lentamente). Conforme apontaram Araújo e Viera,<sup>4</sup> do ponto de vista filosófico, a morte aparece como uma condição inerente ao ser vivo, sendo ela a única certeza que se tem do desdobramento humano, onde o morrer torna o homem em absolutamente nada ou torna-o em absolutamente outro. Podemos então definir *a morte* como o fenômeno individual e concreto correspondente ao fim da vida biológica, vivido apenas pelo que está morrendo – o protagonista, sendo possível a outros apenas acompanharem o desenrolar desse processo em segundo plano; *o morrer*, no entanto corresponde a um procedimento experimentado ao longo da vida, antecedente à morte final e pontuado por sucessivas mortes antes da *morte* propriamente dita.

Neste artigo voltamos nossa atenção para os anos finais do período medieval para entendermos a complexidade dessa sociedade, seu funcionamento e suas tensões, assim como refletir sobre a forte associação entre morte/mortos e cristandade no Ocidente por meio da identificação dos lugares dos finados nos diferentes sistemas. Com esse intuito analisaremos neste trabalho algumas das produções iconográficas do fim da Idade Média

---

<sup>1</sup> Em referência a Tânatos, a personificação da morte na mitologia grega.

<sup>2</sup> SANTOS, Franklin Santana. A Tanatologia e a universidade. In: INCONTRIN, Dora; SANTOS, Franklin Santana (orgs.). *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Comenius, 2007, p.292.

<sup>3</sup> LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*, 21ª ed. São Paulo. Ática, 2005.

<sup>4</sup> ARAÚJO, Paula Vanêssa Rodrigues de; VIEIRA; Maria Jézia. A Questão da Morte e do Morrer. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília: maio/junho de 2004, p. 361-3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n3/a22v57n3.pdf>>. Acesso em: 15/10/2015.

a fim de compreendermos a maneira como os temas macabros foram figurados, apontando a mudança de mentalidade, cujo reflexo encontra-se na relação entre as atitudes e as representações da morte, que deixa de ser exclusivamente cristã e torna-se um assunto usual tanto na literatura quanto na iconografia e na escultura funerária, influenciando desse modo a representação da Dança Macabra – principalmente a partir de 1350. Num primeiro momento analisaremos o que os historiados produziram em relação à temática e os debates travados na historiografia tradicional e nos trabalhos mais recentes e em seguida passaremos a compreensão das imagens, sejam elas visuais ou textuais.

### **A Historiografia e os temas macabros**

Tradicionalmente, convém situar a Baixa Idade Média entre os séculos XIV e XV. Esse período costuma atrair a atenção dos historiadores e pesquisadores da temática da morte por tratar-se de um período marcado por transformações das atitudes dos homens diante do fenômeno, transformações estas percebidas através das produções iconográficas produzidas na época.

Entre os séculos finais do medievo a morte tornou-se o centro dos aspectos retratados pelos artistas, com o enfoque na seguinte mensagem: ninguém está a salvo. Nesse sentido há mudança da natureza da morte na historiografia tradicional, que deixa de ser exclusivamente cristã, e torna-se um assunto bastante usual tanto na literatura quanto na iconografia e escultura funerária, influenciando desse modo a representação da Dança Macabra – principalmente a partir de 1350 – que passa a ser o reflexo da mudança de mentalidade no fim do medievo. Ilustra-se de forma assustadora, angustiante, demonstra o medo, a dor, o sofrimento das populações que diante de situações sociais adversas enxergam na arte uma forma de se expressar, de mostrar sua impotência diante dos problemas que assolaram os séculos XIV e XV.

As imagens macabras passam a representar a morte como uma força impessoal, com iniciativa própria e inevitável, cujos esqueletos aparecem envoltos por lençóis brancos, completa ou parcialmente desprovidos de matéria carnal e utilizando-se da gestualidade corporal, “reflexo do desespero diante das dores físicas e doenças epidêmicas, como a peste negra, que ceifou milhares de vidas”.<sup>5</sup> A epidemia de Peste

---

<sup>5</sup> PEREIRA, Jacqueline da Silva Nunes. Um estudo da dança macabra por meio de imagens. *II ENCONTRO*

Negra ou Grande Peste do período de 1348-1349 foi a pior de toda a Europa e provocou redução acentuada da população, que segundo Boccaccio “para se tratar apenas da cidade (...) no período que vai de março a julho, mais de 100.000 pessoas foram arrebatadas à vida, no interior dos muros da cidade de Florença”.<sup>6</sup>

A emergência dos temas macabros sempre foi trabalhada pela historiografia tradicional e faz emergir novos questionamentos nos trabalhos mais recentes sobre o tema. Estuda-se desde a questão da memória dos mortos até a relação entre morte e a epidemia de peste negra que assolou toda a Europa nos séculos XIV e XV, assim como as lentas, mas profundas transformações das práticas e das mentalidades relacionadas ao tema.

Em *O Papel da Memória na Pedagogia da Morte no século XV*,<sup>7</sup> através da utilização da lenda dos três vivos e dos três mortos, Leticia Gonçalves Alfeu de Almeida nos mostra a emergência do macabro como uma alegoria para percepção da morte e uma profunda ligação com os textos de pregação. Um aspecto importante apontado por ela diz respeito ao desenvolvimento do macabro com a peste. Por mais que a multiplicações dos cadáveres tenham impulsionado essa maneira de figurar os que se foram de forma assustadora, com suas carnes descompostas e os vermes impregnados a elas, “o aparecimento desse tipo de representação não coincide exatamente com as pestes e, portanto, não pode ser pensado apenas como resultado direto das mortandades, pois lhe é anterior”.<sup>8</sup>

Existe um debate na historiografia que defende a crise e o macabro como anteriores e não resultantes da peste, e que, portanto, estão fundados em fatores internos da cultura, como por exemplo, as interpretações de Jean Delumeau. Por outro lado, certos estudos explicam o macabro como mera consequência da doença. Outros afirmam ser difícil não considerar que as pestes tenham consequências marcantes para o impulso de

---

NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM. UFPR, Londrina. Anais do ENEIMAGEM, Londrina- PR, maio de 2009, p. 806. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Pereira,%20Jacqueline%20da%20silva.pdf>>. Acesso em: 17/10/2015.

<sup>6</sup> BOCCACCIO, *Decamerom*. São Paulo: Abril, 1981, p.17.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Leticia Gonçalves Alfeu de. *O Papel da Memória na Pedagogia da Morte (século XV)*. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: Franca, 2013. Disponível em: <[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93244/almeida\\_lga\\_me\\_fran.pdf?sequence=1](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93244/almeida_lga_me_fran.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 15/10/2015.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 16.

criação das imagens no fim da Idade Média.

Johan Huizinga em *O Declínio da Idade Média*<sup>9</sup> buscou captar as características mais originais dos séculos finais da Idade Média. Para isso a época foi tomada em sua totalidade e de forma homogênea. Huizinga via a morte dos macabros como a descrição realista desse acontecimento, ou seja, o macabro é situado pelo autor em uma perspectiva de crise.

Jacques Chiffolleau em *O que faz a morte mudar na região de Avinhão no fim da Idade Média*<sup>10</sup> levanta uma hipótese diferente do que foi descrito acima. Com base em gráficos e tabelas estatísticas, pretende detectar as mudanças ocorridas na noção de morte dos avinhoneses no fim da Idade Média. Através de argumentos extremamente pertinentes, o autor tece sua resposta a partir das curvas populacionais: o aumento demográfico, subproduto do desenvolvimento urbano e mercantil, introduziria novos padrões de vida e de comportamento, que estariam na base das mudanças. Analisando uma série de testamentos da região, buscou encerrar a visão de que a morte foi reveladora do papel da religião na vida social. Em combate a toda uma corrente que pregava a obsessão pelo macabro por causa do horror à epidemia de peste e diretamente ligado à multiplicação dos corpos e a crise demográfica, Chiffolleau aponta a mutação de mentalidade refletida nas novas atitudes diante dos mortos muito antes das pestes e das mortalidades. O “renascimento” do testamento “romano” já é um sinal dessa transformação, onde a vontade individual do testador aparece independente das pressões do costume. O fato de não se evocar mais a autoridade do *pater familias* para justificar a continuidade social possibilita o surgimento da “morte de si” devido aos questionamentos às velhas solidariedades sociais. A novidade de seus argumentos consiste em atribuir a essas nuances um novo significado: as crises do final da Idade Média perturbam a passagem e a relação entre mortos e vivos; afeta a solidariedade da linhagem, rompe com as raízes culturais e geográficas dos homens. O que perturba os avinhoneses é a impossibilidade de reencontro com seus familiares no *pós mortem*, de se juntar aos restos mortais dos seus e não a angustia visceral causada pelas doenças. O sentimento de fracasso pessoal, de fragilidade humana não se trata do amor à vida, mas sim ao

---

<sup>9</sup> HUIZINGA, J. *O Declínio da Idade Média*. São Paulo: Editora Verbo. 1978.

<sup>10</sup> CHIFFOLEAU, Jacques. O que faz a morte mudar na região de Avinhão no fim da Idade Média, p. 117-130. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (eds.). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.

surgimento de uma nova solidariedade, em que os mortos se vêem privados do acesso à sua família. Sendo assim, não são os acontecimentos do período que modificam as imagens da morte, mas a relação entre pais e tradição. É esse abandono, esse desenraizamento e a perda da linhagem imaginária e imaginada, “não o simples desaparecimento de parentes reais, que dá conta das novas atitudes em face da morte”.<sup>11</sup> Contraditoriamente, a noção de indivíduo se reforça com esse estado de instabilidade. “É na crise, no luto e na melancolia que nascem o homem, a religião e a racionalidade moderna”.<sup>12</sup>

A despeito do surgimento do macabro, tanto Chiffolleau quanto Almeida partem do mesmo princípio - o aparecimento desse tipo de representação não coincide com as pestes. A crise social-demográfica, a multiplicação dos corpos e o medo, resultado direto das mortandades não podem explicar a explosão do macabro, pois lhe é posterior.

Ariès nos diz em *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias*<sup>13</sup> que o macabro não significa o medo da morte nem do além, mas resultado de um amor apaixonado pela vida, pelo mundo terrestre e resultado da consciência do fracasso de cada um na hora do trespassse. As artes e as danças macabras acabam expressando não a revolta, mas o desgosto diante dessa amargura. Os traços cadavéricos não amedrontavam, apenas serviam para fortalecer a ilusão da vida suscitada pelo apego aos bens materiais.

Assim como salientou Ariès, Jean-Claude Schmitt atribui na obra *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*<sup>14</sup> aos mendicantes e suas pregações essa modificação na morte tradicional, diferente do que a maioria dos historiadores faz (muitos relacionam muito mais do que deveriam o macabro às epidemias de peste no fim da Idade Média).

### **A iconografia, as danças e o macabro**

---

<sup>11</sup> Idem, p.129. O autor nos diz que a peste apenas acelera um processo que já vinha sendo acentuado. Dois aspectos são apontados como características desses novos ritos: 1- o cortejo como procissão que representa a última viagem; 2- a teatralidade, o narcisismo e detalhamento dos testamentos.

<sup>12</sup> Idem, p. 130.

<sup>13</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

<sup>14</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

Ao partir para a análise das imagens percebemos o que Ariès<sup>15</sup> chamou de “triunfo da morte”, ou seja, a igualdade dos homens diante do fenômeno. O final da Idade Média ilustra o poder coletivo da morte, contraditoriamente ao mesmo tempo em que faz emergir o individualismo de cada um quando sua hora chega. Essa última alegoria afasta-se do individualismo, mas está muito mais afastada da morte domada.<sup>16</sup> Apesar de ter consciência de que ia morrer e se preparar para isso, a morte não previne; esse é o seu grande triunfo.



- 1- Autor desconhecido, Bernt Notke's Danse Macabre in Tallinn, s/d, pintura, disponível em [www.dodedans.com/Epict.htm](http://www.dodedans.com/Epict.htm)

Vemos nessas imagens como a morte passou a ser retratada pelos artistas do fim da Idade Média. Tornou-se o tema central das produções iconográficas e reflete algumas das manifestações de histerias religiosas que marcaram esse longo período compreendido entre o século V e o século XV. Descarta-se o imaginário de visão hierárquica; as três ordens ou o imaginário do feudalismo rompe-se. Assim, a morte aparece como democrática, igualitária e atingiu indiferentemente a todos, imperadores, reis, nobres, camponeses e até os clérigos como apontou Hilário Franco Júnior.<sup>17</sup> Sobre estes surge uma problemática: se o clero era responsável pelo intermédio Deus-homem, pela luta incessante contra o pecado e estava distanciado dos demais cristãos, porque eles também estavam entre as vítimas desse infortúnio?

A peste negra passou a ser vista como um castigo, um flagelo divino, regra que recaía também aos membros da Igreja. Logo, todo e qualquer clérigo que tivesse um

---

<sup>15</sup> ARIÉS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>16</sup> Concepção de morte ao mesmo tempo familiar e próxima, cuja cerimônia era pública e organizada – característica mesma de culturas pré-cristãs – que a cristandade medieval, com seu aparato ideológico, esforçou-se por fazer prevalecer.

<sup>17</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média e o Nascimento do Ocidente*, 2ª edição. São Paulo: Brasiliense 2006.

comportamento desviado do proposto ou não se enquadrasse nos moldes eclesiásticos também seria severamente punido por ela. Explica-se nesse contexto o surgimento dos Flagelantes, que saíam em procissões penitenciais com danças e cânticos envoltos de mistérios.<sup>18</sup> Nesse sentido podemos extrair a função moralizante dessas figurações que originou-se nos autos de moralidade e devoção, como também em poemas que tratavam da inevitabilidade da morte e do convite à penitência.

Na imagem abaixo, a morte entra na casa de uma camponesa e leva um de seus filhos. No campo inferior direito e em lugar de destaque, aparece uma ampulheta. Notamos uma ligação direta entre a criança e o símbolo do tempo: essa conexão informa que a morte chega para todos independente da idade e informa: como eu sou, tu serás.



2- Hans Holbein, Dança da morte, 1538, gravura, disponível em Facsimile, Londres, 1982.

Transpondo-nos exclusivamente às imagens, percebemos a morte como alegoria a partir da personificação nos esqueletos – subtenda-se o chamado da morte. A partir de então ela assume uma forma – descarnada, corporificada. A morte surge para lhes informar a proximidade de seu trespasse, na maioria das vezes, utilizando-se da gestualidade corporal.

---

<sup>18</sup> HEERS, Jacques. *O Fim da Idade Média no Ocidente*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

Segundo Pereira,<sup>19</sup> as danças macabras, além de serem realizadas nos cemitérios – tornou-se uma prática muito comum no fim do medievo – acabam despertando interesses dos artistas e ganhou grande espaço nas pinturas da época. Nesse sentido há mudança nas maneiras de expor a morte e isso faz com que ela se torne um assunto muito usual tanto na literatura quanto nas artes plásticas. As novas práticas de lidar com os mortos acabam influenciando desse modo a representação dessa dança, principalmente a partir da metade do século XIV. Ela era uma forma de manifestação corporal e reflexo também do desespero diante das dores físicas e doenças epidêmicas.



3- Autor desconhecido, Dança da morte, 1493, pintura, disponível em [http://www.snpcultura.org/vol\\_danca\\_morte.html](http://www.snpcultura.org/vol_danca_morte.html)

Fazendo uma comparação das imagens que ilustram a morte com traços cadavéricos, percebemos certa diferença entre as que retratam o fenômeno com ou sem a dança. Em algumas telas, a morte ilustra-se de forma assustadora, angustiante e demonstra, a dor e o sofrimento das populações que diante de situações sociais adversas, enxergam na arte uma forma de se expressar, de mostrar sua impotência diante dos problemas que assolaram os séculos XIV e XV. No entanto, algumas das imagens da

---

<sup>19</sup> PEREIRA, Jacqueline da Silva Nunes. Um estudo da dança macabra por meio de imagens. *II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM*. UFPR, Londrina. Anais do ENEIMAGEM, Londrina- PR, maio de 2009, p. 806. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Pereira,%20Jacqueline%20da%20silva.pdf>. Acesso em: 17/10/2015.

dança macabra expressam certa ironia e comichidades dos atores retratados nessas pinturas. Os esqueletos se contorcem, utilizam a gestualidade e representam as dificuldades e possibilidades dos homens diante das condições de vida. Apesar dessa diferença, em ambos os tipos de imagens o fenômeno é retratado como uma força impessoal e inevitável.

Sobre a relação feita entre a crise social-demográfica resultante das mortandades e a explosão do macabro, acreditamos que a emergência desse tipo de figuração seja pensada a partir da confluência de fatores internos e externos, em que o impacto de choques exteriores numa cultura depende das respostas de dentro, da maneira como uma cultura está predisposta a responder a determinados eventos. Nesse sentido, podemos afirmar que as artes macabras aparecem antes mesmo do aumento da mortalidade causadas pela fome e pelas doenças do fim da Idade Média, mas esses fatores devem ser levados em consideração para compreender o predomínio dessa maneira de figuração nos séculos finas do medievo.

A dança da morte passa dos cemitérios às artes, das artes para os aspectos mais triviais e cotidianos. Saindo das telas pintadas para a análise de imagens textuais, percebemos a partir das Crônicas do Rei Juan II de Castela produzida no século XV como a dança da morte é transposta das telas para os acontecimentos do dia a dia. Na cerimônia de coroação de Fernando de Antequera em 1414 ela é realizada com a intenção de entreter os presentes e eles eram capazes de integrar o macabro, convertido em gênero, em sua cotidianidade e em suas festas. O texto narra com detalhe esse acontecimento

*Se revolvieron los cielos, e en medio de la sala salió una nube en la qual venía la Muerte la qual era muy fea llena de calaveras e culebras e galapagos e venía en esta guisa. Un hombre vestido en baldreses amarillos justos al cuerpo que parecía su cuero, e su cabeça era una calavera e un cuero de baldres toda descarnada sin narizes e sin ojos que era muy fea, e muy espantosa, e con la mano faziendo semejanças a todas partes que llevaba a unos e a otros por la sala.<sup>20</sup>*

Nos dois séculos finais do período medieval a dança se configura num traço cultural e mental singulares, símbolo característico tanto da cultura aristocrática e das

---

<sup>20</sup> SANTA MARÍA, Álvaro García de. Crónica de Juan II. In: ESPAÑOL, Francesca Bertrán. *Lo macabro en el gótico hispano*, Madrid, Cuadernos de Arte Español, n. 70, 1992, p. 8.

comunidades campesinas, ou seja, produto de movimentos e gestos refinados unidos a formas tradicionais e resistentes das manifestações culturais.<sup>21</sup>

Na Baixa Idade Média a situação de vida dos homens tornou-se difícil, pois além dos fatores que contribuíram para o desmantelamento do feudalismo, a peste contribuiu para as modificações nas atitudes diante da morte e sua figuração. A partir da associação desse fenômeno e da evolução das estruturas mentais da sociedade medieval, o macabro tornou-se o centro das atenções dos medievais e dos aspectos retratados pelos artistas.

Observamos assim que para o homem tardo medieval, a morte não é um conceito abstrato; ela apresenta-se concretamente em seu dia-a-dia, e em suas representações está sempre dotada de significações. Essa complexidade da ideia e do conceito de morte nos faz apreendê-la “como uma realidade física e espiritual. (...) Ela dissolve vínculos sociais antigos e cristalizados e conduz a outros novos”.<sup>22</sup>

## Considerações Finais

Identificamos, no que diz respeito às atitudes diante da morte, mutações e continuidades percebidas até os nossos dias, mas também fenômenos que nos dão a falsa impressão de permanências. Em se tratando de um assunto situado no hall do mental, as “rupturas” quase não são percebidas e quase nunca acontecerão de forma consciente. Percebemos assim que existe um debate na historiografia que defende a crise e o macabro como anteriores e não resultantes da peste, e que, portanto, estão fundados em fatores internos da cultura, como por exemplo, as interpretações de Jean Delumeau. Outros como Almeida e Schimitt atribuem às pregações dos mendicantes o advento dessa maneira de retratar a morte e os mortos; Ariès nos diz aponta essa emergência como resultado do fracasso pessoal do abandono de uma vida terrena amada, enquanto Chiffolleau nos

---

<sup>21</sup> O que Ginzburg chama de “circularidade cultural”. Cf. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

<sup>22</sup> WILLIAMS, G. Scholz. A Morte como Texto e Signo na Literatura da Idade Média. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (eds.). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 132.

oferece uma tese inovadora à temática: é a impossibilidade de reencontro com seus familiares no *pós mortem*, de se juntar aos restos mortais dos seus e não a angústia visceral causada pelas doenças que desembocam no macabro. Há ainda os que afirmam ser difícil não considerar que as pestes tenham consequências marcantes para o impulso de criação das imagens no fim da Idade Média. Por outro lado, os estudos mais antigos, a exemplo dos de Huizinga, explicam o macabro como mera consequência da doença e em uma perspectiva de crise. Acreditamos que a emergência desse tipo de figuração da morte seja pensada a partir da confluência de fatores internos e externos, em que o impacto de choques exteriores numa cultura depende das respostas de dentro, da maneira como uma cultura está predisposta a responder a determinados eventos. Nesse sentido, podemos afirmar que as artes macabras aparecem antes mesmo do aumento da mortalidade causadas pela fome e pelas doenças do fim da Idade Média, mas esses fatores devem ser levados em consideração para compreendermos o predomínio dessa maneira de figuração nos séculos finas da Idade Média.

### **Referências Bibliográficas Complementares**

ALMEIDA, Letícia Gonçalves Alfeu de. *O Papel da Memória na Pedagogia da Morte (século XV)*. Franca, 2013. Disponível em: <[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93244/almeida\\_lga\\_me\\_fran.pdf?sequence=1](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93244/almeida_lga_me_fran.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20/10/2015.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Paris: Gallimard, 1978.

SANTOS, Airles Almeida dos. *Entre corpos e sepulturas: Uma análise da Historiografia sobre a Morte na Idade Média*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.